

## 39ª Semana de Filosofia da UnB – Filosofia no Brasil

No período de 06 a 10 de junho de 2011, realizou-se, na Universidade de Brasília, a 39ª semana de Filosofia, cuja temática foi a filosofia no Brasil. O evento foi marcado pela interação de pesquisadores que se ignoravam mutuamente desde os últimos anos da década de 1970. Naquela época, a comunidade filosófica brasileira se dividiu, dando origem a duas linhas de pesquisa alternativas que não se comunicavam: de um lado, o grupo liderado por Miguel Reale e Antônio Paim, voltado predominantemente para o estudo do pensamento filosófico brasileiro; de outro lado, o grupo inspirado pelo estruturalismo metodológico uspiano, introduzido no Brasil por Oswaldo Porchat e voltado predominantemente para a hermenêutica de textos de autores clássicos da filosofia, seja da Europa, seja dos EUA. O primeiro grupo juntou forças em torno do Instituto Brasileiro de Filosofia e da Academia Brasileira de Filosofia. O segundo concentrou-se em torno da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. Por cerca de trinta anos, os dois grupos se ignoraram solenemente. Os motivos para isso envolvem a existência de desafetos pessoais insuperáveis entre alguns dos membros dos dois grupos, desafetos esses que não precisam ser discutidos aqui, mas sim superados.

Nos últimos cinco anos, contudo, alguns tímidos sinais de aproximação começaram a surgir, principalmente entre os grupos de estudos liderados por José Maurício de Carvalho (UFSJ), Luiz Alberto Cerqueira (UFRJ) e Ricardo Vélez-Rodríguez (UFJF), do lado da Academia Brasileira de Filosofia, e os grupos liderados por Júlio Cabrera (UnB) e por mim, Paulo Margutti (UFMG; FAJE), do lado da ANPOF. Até 2011, os contatos entre esses pesquisadores eram eventuais e pouco abrangentes. O encontro de Brasília foi o primeiro a reunir oficialmente quase todos eles, marcando um passo importante para o estabelecimento definitivo e a continuidade dessa interação.

Tive a oportunidade de participar do evento em questão, embora não em sua totalidade, pois ausentei-me de Brasília na tarde do dia 08 de junho. De qualquer modo, estive presente a uma reunião preparatória na tarde do dia 06, em que os grupos de estudos do pensamento filosófico brasileiro discutiram as possibilidades de articulação maior entre si, principalmente através da internet. Pude igualmente assistir às conferências de Luiz Alberto Cerqueira e José Maurício de Carvalho. Participei também, juntamente com eles, de uma mesa sobre as grandes linhas históricas do pensamento brasileiro e proferi uma conferência sobre as relações entre esse mesmo pensamento e o ensino da filosofia no Brasil. Em todos esses casos, meus debates com esses pesquisadores foram intensos e frutíferos. É o que procuro relatar brevemente a seguir.

A conferência de Luiz Alberto Cerqueira sobre “A ideia de Filosofia Brasileira em Função da Vivência de Problemas” constituiu uma excelente oportunidade para que fossem discutidos dois pontos importantes: a) o método de estudo baseado nos problemas filosóficos; b) a influência do aristotelismo luso-brasileiro em nossa formação filosófica. Ficou clara a divergência entre minhas ideias e as de Luiz Cerqueira quanto aos dois pontos, o que nos levou vantajosamente a repensar nossas respectivas posições, com o objetivo de aprimorá-las.

A conferência de José Maurício de Carvalho sobre “A Questão Metodológica na Filosofia Brasileira” trouxe novamente à tona o problema do método de estudo baseado nos problemas filosóficos. Aqui, outra vez, ficou clara a divergência entre minhas ideias e as de José Maurício de Carvalho. Mas os debates foram importantes para o esclarecimento e aprimoramento de nossas respectivas posições.

Na mesa sobre a questão histórica, tivemos todos a oportunidade de apresentar nossas visões divergentes a respeito da evolução histórica do pensamento filosófico brasileiro. Contra todas as aparências em contrário, ficou claro que o tema é apaixonante e que apresenta inúmeras possibilidades de enriquecimento a partir da continuidade do debate entre as partes.

Na conferência que proferi sobre “As Relações entre o Pensamento Filosófico Brasileiro e o Ensino da Filosofia no Brasil”, procurei mostrar como o método exegético estruturalista uspiano tem suas origens históricas no escolasticismo lusitano, tendência que denomino *fonsequista*, e como esse método se encontra esgotado nos dias de hoje, demandando um avanço em direção a uma postura filosoficamente mais criativa no grupo liderado pela ANPOF. As semelhanças entre as minhas ideias e as de Júlio Cabrera a respeito desse assunto foram por ele ressaltadas nos debates posteriores, que foram intensos. Todavia, depois de passado algum tempo, vejo agora que a reação de algumas pessoas do auditório tomou ares de uma verdadeira catarse contra os atuais critérios de ensino na pós-graduação, coisa que não coincidia com os meus objetivos ao proferir a conferência. Penso que a filosofia brasileira encontra-se numa fase decisiva, em que modificações irão certamente ocorrer, mas de forma pacífica e com base em muita reflexão, sem radicalismo.

Espero que o testemunho dado acima possa estimular mais pessoas a estudarem com o devido afinco o pensamento filosófico brasileiro, principalmente nessa fase de sua história, em que parecemos estar avançando de uma postura predominantemente exegética para uma mais original e criativa.

Prof. Dr. Paulo Margutti  
[pmargutti290@gmail.com](mailto:pmargutti290@gmail.com)